

## EXPRESSÃO DE RELIGIOSIDADE POPULAR: OS FESTEJOS EM HONRA A SÃO BENEDITO DE GURUPÁ NO BAIRRO PERPÉTUO SOCORRO, MACAPÁ-AP

*Expression of popular religiosity: the festival in honor of São Benedito de Gurupá in the Neighborhood Perpétuo Socorro, Macapá-AP*

Aldeci da Silva Dias<sup>1</sup>

Marcos Vinícius de Freitas Reis<sup>2</sup>

### RESUMO

O objeto desta pesquisa é estudar a religiosidade popular específica do bairro Perpétuo Socorro, em Macapá, enfatizando suas crenças, representações, práticas religiosas, bem como, a circularidade entre a cultura das classes dominantes e a cultura das classes subalternas. O que despertou o interesse nessa pesquisa foi o fato de que, apesar de o bairro possuir uma santa oficial da Igreja Católica, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, também há outra devoção igualmente importante, em que ocorre procissão, novena, símbolos e representações, enquadrando-se em ações denominadas de catolicismo popular, isto é, a Festa de São Benedito de Gurupá. Orientados pela ciência etnográfica, combinamos a análise bibliográfica com história oral e nossa vivência nos rituais que participamos. Constatamos que “O Festejo de São Benedito de Gurupá” e “A Festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro” divergem entre si e, simultaneamente, combinam-se para construir um objeto comum: *a religiosidade popular*, que é o tema central deste trabalho. Demonstramos também que as concepções populares de religião e fé se contrapõem às concepções da oficialidade católica e, por vezes, necessitam tolerar-se para a manutenção de seus poderes simbólicos; embora seja um poder invisível, mas de grande importância social.

**Palavras-chave:** Religiosidade Popular; Bairro Perpétuo Socorro; Nossa Senhora do Perpétuo Socorro; São Benedito de Gurupá

### ABSTRACT

The object of this research is to study the specific popular religiosity of the Perpétuo Socorro neighborhood, in Macapá, emphasizing its religious beliefs, representations and practices as well as the circularity between the culture of the dominant classes and the culture of the subaltern classes. What aroused the interest in this research was the fact that, despite the fact that the neighborhood has an official saint of the Catholic Church, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, there is also another such important devotion, in which there is a procession, novena, symbols and representations, which fall into actions called popular Catholicism, that is, the Feast of São Benedito de Gurupá. For this, we combine bibliographic analysis with oral history and with our experience of the rituals we participate in, as advised by ethnographic science. It was found that the Festejo de São Benedito de Gurupá and the Feast of Nossa Senhora do Perpétuo Socorro diverge from each other and, simultaneously, combine to build a common

<sup>1</sup> Professor do Ensino Fundamental da rede pública do Estado do Amapá, mestrando pelo Programa do PROFHISTÓRIA pela Universidade Federal do Amapá- UNIFAP.

<sup>2</sup> Doutor em Sociologia, professor da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

object: popular religiosity, which is the central theme of this work. We also show that popular conceptions of religion and faith are opposed to the conceptions of Catholic officialdom and, sometimes, they need to be tolerated in order to maintain their symbolic powers; although it is an invisible power, but of great social importance.

**Keywords:** Popular Religiosity; Bairro Perpétuo Socorro; Nossa Senhora do Perpétuo Socorro; São Benedito de Gurupá

## Introdução

O estudo da religiosidade popular é fundamental para a compreensão da História do Brasil, além de ser um tema de grande relevância como resgate da memória de comunidades locais. É nesse contexto que ocorre o Festejo em Honra a São Benedito de Gurupá, de inegável importância histórica, no bairro Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Macapá, há algumas décadas. Sua origem e evolução sobrevive ocultamente na memória dos moradores mais antigos, cabendo a nós, historiadores, desvendar esse processo, na condição de fenômeno religioso, para configurá-lo enquanto fato histórico.

Assim, pretendemos descrever e analisar os motivos que levaram uma população a criar seu próprio festejo popular em honra a São Benedito e qual a base de sustentação até hoje. Realizar essa descrição e análise é tarefa imprescindível para ressaltar as peculiaridades das culturas das classes populares. É um trabalho que se insere dentro da corrente da História das mentalidades. Para tanto, lançamos mão, também, da história oral.

Os costumes religiosos brasileiros passam por constantes modificações. Em cada região do país, cidade ou família, surgem pequenas variações sobre como homenagear os santos. Nas festas populares, essas diversidades aparecem de muitas formas. Muitas cidades brasileiras reverenciam algum santo padroeiro e, muitas vezes, até pequenas comunidades têm o seu santo particular. É o caso do Festejo em Honra a São Benedito de Gurupá, que ocorre no bairro Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Macapá.

Essa festa de fé e devoção é uma das mais importantes manifestações de religiosidade popular. Sua expressão social se manifesta na memória coletiva da comunidade. Esse entendimento sustenta a relevância da pesquisa que realizamos, uma vez que um fenômeno religioso pode contribuir para explicações mais efetivas acerca da memória local. Trata-se de

uma reflexão sobre como a população se posiciona perante fenômenos religiosos e indagações sobre o seu comportamento na prática desses fenômenos.

O que nos despertou a atenção e motivou este estudo foi o fato de que, apesar de o bairro possuir a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro como santa oficial da Igreja Católica, existe outra devoção tão importante quanto, em que ocorre procissão, novena, símbolos e representações, que se enquadram em ações denominadas como catolicismo popular, isto é, a Festa de São Benedito de Gurupá. Como se vê, o objeto desta pesquisa é o estudo da religiosidade popular, com suas especificidades locais, situado no bairro Perpétuo Socorro, em Macapá, enfatizando as crenças, representações e práticas religiosas da população local. Além disso, destacamos a circularidade entre a cultura das classes dominantes e a cultura das classes subalternas.

A Festa em homenagem a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foi elaborada a partir de tradições europeias e advinda do desejo do clero, que propôs e impôs esta padroeira à população daquele bairro de Macapá. No decorrer do processo histórico, o bairro irá se chamar Perpétuo Socorro, como resultado da influência do clero católico nas decisões dos vereadores da cidade. À vista disso, nosso estudo objetiva, principalmente, compreender a origem e o processo histórico do Festejo em honra a São Benedito de Gurupá no bairro Perpétuo-socorro. E, mais especificamente, entender como foram elaboradas duas festas de santos para a comunidade, considerando o choque entre duas mentalidades religiosas, sabendo-se que uma veio da Europa, através da oficialidade católica; e a outra, do município de Gurupá.

O trabalho de campo foi desenvolvido no bairro Perpétuo Socorro, desde janeiro de 2002, e durante o mês de dezembro estivemos participando diretamente do festejo, com foco na realização de entrevistas com os participantes do evento. O tipo de investigação partiu do modo como o tema se situa teoricamente, combinando-o ao balanço bibliográfico. Essa escolha se deu para que o problema investigado possa ser explicado e compreendido dentro de um processo histórico mais amplo que envolve a religiosidade popular.

Por isso, em nossa metodologia, combinamos a análise bibliográfica com história oral e com nossa própria vivência nos rituais que participamos, como aconselha a ciência etnográfica. Quanto à análise dos dados, observamos conceitos, comparações, formulações e contradições, expressas pelos participantes do festejo e demais moradores, nas suas falas e suas vivências.

O bairro Nossa Senhora do Perpétuo Socorro está situado na zona leste da cidade de Macapá (Capital do Amapá), margem esquerda do Rio Amazonas, possuindo uma população

residente de 13.087 habitantes, segundo o censo demográfico de 2010/População<sup>3</sup>. Sendo 6.418 do sexo masculino e 6.669 do sexo feminino, sendo a população composta de 50.96% de mulheres e 49.04% de homens. Por sua posição geográfica (está próximo à área portuária), é composto, em sua maioria, por pessoas oriundas das ilhas do interior dos Estados do Amapá e Pará. Soma-se a isso o fato de se tratar de um dos bairros mais antigos da cidade, o que confere uma importância maior ao sentido de sua ocupação. Além disso, o lugar conta com um porto de atracamento de embarcações desde o tempo em que se chamava “Igarapé das Mulheres”. Era (e ainda é) importante entreposto comercial para os pescadores, navegantes e agricultores das ilhas vizinhas que vêm à capital comercializar seus produtos.

Na década (1970), na qual se circunscreve a origem do Festejo de São Benedito, o Igarapé das Mulheres era um bairro alagado. A população sobrevivia da venda de peixes que pescavam nas ilhas vizinhas e contavam com a presença do açaí, consumido pela maioria da população, como afirma o presidente da Associação de Moradores do Bairro Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (ASMOB-PS), Aldenir Rodrigues Pantoja.

Ainda segundo o presidente da Associação de Moradores, o bairro era chamado de Igarapé das Mulheres “devido à existência da doca onde os barcos encostavam. Então, era comum a presença de mulheres que lavavam roupa e deixavam seus filhos tomando banho no igarapé. E todas as vezes só se via mulheres. Por isso foi delimitado de Igarapé das Mulheres”. (PANTOJA, 2002). Ele nos declarou também que esse nome gerava aborrecimento aos homens:

Quem chamava de Igarapé das Mulheres eram as pessoas tradicionais. Os novos moradores, quando o bairro cresceu, sentiam-se ofendidos quando alguém dizia que eles moravam no Igarapé das Mulheres. (Pantoja,). Isto ocorria, segundo ele, porque as pessoas do sexo masculino trocavam ironias umas com as outras, debochando: “Ah, tu moras no Igarapé das Mulheres? Lá onde só tem mulher?” (PANTOJA, 2002).

De acordo com informações dos moradores, na época, muitas pessoas se alimentavam do Igarapé, tirando peixes e açaí dos seus quintais. A vida fluía comunitariamente no Igarapé das Mulheres. Lá havia uns poços do qual se obtinha o pescado. Era um lugar virgem e limpo, mas, hoje em dia, está poluído. Nem sempre foi assim, pois Dona Anália de Souza França, de setenta e oito anos de idade, moradora do bairro há trinta anos e uma de nossas entrevistadas,

---

<sup>3</sup> Disponível em: [https://populacao.net.br/populacao-perpetuo-socorro\\_macapa\\_ap.html](https://populacao.net.br/populacao-perpetuo-socorro_macapa_ap.html). Acesso em: 24. Mar de 2022.

Dona Anália (2002) conta que “tinha uma fábrica de cana, açaiçal, o pessoal entrava pra cá [igarapé], caçavam com cachorro, só vinham de tarde: traziam caça, traziam camarão, traziam peixe, traziam açai. [...]. Era baixo, aqui era uma baixada”. Além disso, descreveu-nos como era Igarapé das Mulheres ao chegar lá:

Era só caminho e pontezinha. Até o pau que derrubavam [do matagal] eles [os primeiros moradores] faziam estivas pra gente andar até lá pra beira da praia. Era aquelas barraquinhas, tudo pela beira do caminho, era tudo matagal. O pessoal que vinham chegando iam abrindo tudo pra fazer barraquinha. (FRANÇA, 2002).

A partir do final da década de 1970, os governos que foram entrando, segundo Dona Anália (2002), “foram endireitando as ruas, aí já foram aterrando”. Foi no governo do Comandante Annibal Barcellos (1979-1985) que, segundo informações dos moradores, foi realizado o aterramento e urbanização do bairro. No lugar do igarapé, que possuía uma água limpa e era fonte de alimento, foi aberto um canal que se estendeu para dentro do bairro e serve atualmente para escoamento do esgoto das ruas, tornando-o extremamente poluído. Certamente, a evolução do bairro Perpétuo Socorro suscitaria uma grande pesquisa na área ecológica e de urbanização. Afinal de contas, teria sido possível urbanizar sem acabar com os igarapés e a beleza natural do local?

No entanto, nosso propósito aqui não é um estudo sobre o bairro. Essas breves descrições sobre o *locus* onde se desenvolveu a pesquisa servem para mostrar as características do ambiente e o modo de vida de uma população que passou, a partir da década de 1970, a cultivar São Benedito de Gurupá, em um lugar que possui como Santa oficial Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Assim, nosso objeto de estudo, como já foi definido nesta introdução, é o estudo da religiosidade popular com ênfase nas práticas religiosas da população local em relação aos santos católicos, no caso, o Festejo em Honra a São Benedito de Gurupá.

O primeiro problema é entender se existe algum conflito entre a festa da padroeira oficial e a festa de São Benedito de Gurupá. O segundo, é discutir se na relação entre as duas festas há alguma luta pelo poder simbólico, isto é, por prestígio social. Com esse propósito, questionamos inicialmente: qual a visão e a participação oficial da Igreja Católica em relação ao Festejo de São Benedito de Gurupá e, por outro lado, qual a visão do Catolicismo popular? Como esta tradição da Ilha de Gurupá se impôs em Macapá, no bairro Perpétuo Socorro?

Desta forma, no primeiro foco de análise, abordamos a origem das duas festas: São Benedito e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, bem como, as diferenças na prática religiosa de ambas, sendo a primeira particular (ou popular) e a segunda oficial. Para além disso, analisamos as divergências entre a festa popular de São Benedito de Gurupá e o clero local.

Na segunda seção, abordamos a diferença entre os conceitos de Religião e Religiosidade. Apresentamos e discutimos, em seguida, a definição do catolicismo popular e do catolicismo oficial na visão de Raymundo Heraldo Maués (2009); além disso, traçamos um perfil de como a Igreja Católica impõe o seu controle sobre a fé do povo, reprimindo e, muitas vezes, até proibindo os rituais populares no Brasil, desde a fase do padroado.

A disputa pelo espaço religioso é o tema abordado no terceiro momento, a fim de descrever mais detidamente: o que produz o conflito do mundo leigo com as aspirações da instituição religiosa (no caso a Igreja Católica)? Para tanto, utilizamos a obra “O poder simbólico”, de Pierre Bourdieu (2001), a partir do qual analisamos as “contribuições do pensamento Foucaultiano”, “o poder simbólico, na concepção de Bourdieu” e “as relações de poder no âmbito da religião popular”.

Na quarta seção, “Cultura das Classes dominantes e Cultura das Classes subalternas”, examinamos a natureza da cultura popular e sua complexidade, bem como a ambiguidade do conceito de “cultura popular”. Em um primeiro momento, apresentamos e discutimos o conceito de “circularidade cultural”, desenvolvido por Mikhail Bakhtin e confirmado por Carlo Ginzburg. Por fim, abordamos a reação da cultura popular diante dos ditames oficiais e como se manifestam as influências recíprocas entre cultura popular e cultura das classes dominantes.

### **A Origem do Festejo em Honra a São Benedito de Gurupá**

O Festejo em Honra a São Benedito de Gurupá começou a ser realizado no bairro do Perpétuo Socorro, efetivamente, a partir do ano de 1976 e teve como fundadora a Senhora Zuíla Gomes Bezerra, que chegou ao bairro em 1969. Ela era devota do santo e natural da Comunidade do Rio Salvadorzinho, Município de Afuá, localizado no interior do Estado do Pará. Até então, a localidade tinha o nome popular de Igarapé das Mulheres, como já afirmamos

na introdução, e foi oficializado como bairro Perpétuo Socorro em 1984 através da Lei nº 207/84-PMM, que oficializa a denominação dos bairros da cidade de Macapá à época.<sup>4</sup>

Segundo Dona Zuíla, como é conhecida por toda a comunidade, a sua devoção por São Benedito aumentou após alguns milagres recebidos por ela ainda no município de origem. Ela conta que a primeira graça recebida foi quando um de seus filhos, Manoel Osvanil Bezerra Bacellar (Nil Pisca, que hoje é vereador do município de Macapá), caiu em um rio nas proximidades de sua casa e já estava dado como morto. O milagre, segundo ela, aconteceu em meados da década de 1960, no município onde a mesma residia. O pai de Manoel Osvanil, conta:

Era viajante, ribeirinho e era um regatão. E um dia estava lavando o barco depois de uma longa viagem pro Amazonas [Rio Amazonas], para Santarém. E eu estava brincando, com seis anos, na borda do barco. E o meu pai e o empregado não viram quando eu caí na água. Eu fui ao fundo, tomei tanta água que cheguei até boiar, eu já estava flutuando na água quando a minha mãe, isso mais ou menos uma hora, procurou por mim [...]. E aí correu todo mundo, eu já esta boiando e a minha mãe me levou pra frente do altar, que sempre ela rezou pra São Benedito, e lá fez uma grande promessa que, se eu voltasse a sobreviver, enquanto vida ela tivesse, ela faria essa procissão de fé pra Jesus Cristo por intermédio de São Benedito de Gurupá. E assim, foi que aconteceu essa grande festa (BACELLAR, 2002).

Dona Zuíla conta também que, enquanto procurava pelo filho, lembrou-se de São Benedito e começou a rezar, procurando com um farol ao redor do barco, obtendo, logo após, o milagre, sendo este a vida de seu filho. Um segundo milagre teria ocorrido quando seu outro filho, doente em decorrência de picada de cobra, teve sua saúde restaurada após ela ter rezado ao santo. Tendo também feito um pedido a São Benedito de obter a graça de ter um filho seu formado (graduado em nível superior) e crendo que certamente receberia esta graça, não mais parou de rezar ao santo, de modo que a devoção perdura até hoje.

Em 1969, dona Zuíla migrou para Macapá e passou a residir no então bairro Igarapé das Mulheres, trazendo consigo a fé e devoção por São Benedito, comum no município de Gurupá:

Quando, antes de eu sair de lá [Gurupá-PA], eu rezei pra São Benedito por esses três milagres. E disse: meu São Benedito, a partir de hoje eu vou levar esse quadro, esse santinho comigo!

Todo dia 26 de dezembro eu rezo. E aí eu fui rezando, todo 26 de dezembro eu convidava o pessoal, fazia aquela reza, fazia aquele jantar, e dava pro pessoal[...], e vim me embora pra Macapá [1969], e trouxe meu santo. Mas eu

---

<sup>4</sup> Divisão de Arquivo e Documentação Legislativa – CMM.

tinha um pensamento de fazer um altar pra ele, só comigo, eu não falava pra ninguém. Depois, fizemos uma casa bonita de madeira, com a benção de São Benedito, pra todo mês, no dia da reza eu colocar meus convidados, e eu botei o nome da minha casa São Benedito <sup>5\*</sup> (ZUÍLA, 2002).

Percebemos que Dona Zuíla rezou para São Benedito em agradecimento a esses três milagres por pelo menos dois anos, ainda no município de Gurupá. Como já afirmamos, São Benedito é padroeiro daquele município (Dona Zuíla foi uma das primeiras a conhecer os festejos em homenagem ao santo em Gurupá). Ela conta que recebeu um “programa” (folder) no período da realização dos festejos na data de 18 a 26 de dezembro, após isso, recortou-o num formato de quadro e começou a festejar São Benedito. Ela possui esse quadro até os dias atuais, que por muitos anos foi a única imagem de São Benedito a percorrer as ruas do Igarapé das Mulheres, já em Macapá, no dia da procissão. Cabe destacar que o aumento do número de devotos, a cada ano, remonta à migração de pessoas para o lugar no início da década de 1970.

E então, ela rezava bastante, e a gente ia pra lá participar. No início, ela mandava rezar, a gente rezava, fazia aquela procissão aqui no bairro mesmo com o pessoal e vinha, rezava a ladainha. Com o tempo foi se juntando mais uma porção da diretoria [...] Primeiro ela dava um cafezinho, dava um suco numa panela. Depois acumulava uma quantia de cinquenta, sessenta, cem pessoas e hoje em dia, hoje tá num número muito grande de pessoas. [...]”. (FRANÇA, 2002).

Nos primeiros anos, a reza era feita na casa de Dona Zuíla, conforme esclarece a devota Anália de Souza França. Era um grupo de senhoras e alguns senhores, aproximadamente cinco a sete pessoas. Dona Zuíla fazia o convite e o pessoal ia até sua casa rezar. Com o fim da reza, ela lhes dava um lanche. O senhor Odair José Paixão Oliveira (“Seu Lamparina”) <sup>6</sup>, de sessenta e dois anos de idade, participante do festejo desde 1975, afirma que nesse tempo ela tinha uma casinha.

Nas primeiras rezas, portanto, não havia missas. Antes dos padres, os fiéis praticavam apenas ladainha. Fato interessante é que a Dona Zuíla é uma das poucas pessoas leigas que reza a ladainha em latim. Um de seus filhos, o professor Manoel Antônio Bezerra Bacelar, questiona, por exemplo: “como é que uma pessoa que nunca fez um curso sequer, tem mal o aprendizado inicial do alfabeto, consegue traduzir o latim?”. Segundo ele, trata-se de um dom.

---

<sup>5\*</sup> Ela se refere a uma mercearia que tinha o nome de “São Benedito.”

<sup>6</sup> O Senhor Odair José Paixão é membro da diretoria do Festejo e um dos Juízes do mastro e da bandeira.

Com o aumento dos participantes, Dona Zuíla construiu, em 1976, uma Capela ao lado de sua casa, cumprindo a promessa de fazer um altar para São Benedito. A partir daí, já houve a presença dos padres celebrando missas na capelinha, que está localizada na avenida Rio Xingu, esquina com a Rua Hugo Alves Pinto (Rua do Canal, na margem do antigo igarapé). O padre José Busato foi o primeiro sacerdote a dirigir missa na *Capela São Benedito*. Ele afirma, em entrevista, que foi no ano da inauguração do espaço, permanecendo lá por aproximadamente dez anos, até 1985. Ele era o responsável daquele bairro, sendo o primeiro vigário da paróquia São José. Depois era superior regional do PIME (Pontifício Instituto das Missões Exteriores), mas havia essa Capela que dependia dele.

Segundo o padre José Busato (2002), era ele quem fazia batizado, casamento, as missas, as novenas e as várias procissões não só de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, mas também da Capelinha de São Benedito. Ele conta também que depois, pelo fato de ser pároco de São Benedito no bairro Laguinho, ficou sabendo que a Festa de São Benedito do Perpétuo Socorro era uma espécie de dependência de São Benedito de Gurupá.

Para o padre José Busato (2002), a Capela de Dona Zuíla “era uma aapelinha pequena, mas, tinha todos os seus requintes com novena, procissão, arraial, a levantação do mastro, tirada do mastro. Era completa. Dona Zuíla tinha uma ideia de como funcionava e quis realizar em Macapá aquilo que se realiza, por exemplo, em Gurupá”..Os devotos participavam da novena que possui nove dias de preparação, contando também, nas palavras do Padre, com “aqueles comes e bebes, praticamente, quase sempre gratuito, principalmente com a distribuição da carne, porque é costume matar um boi; se pagava também alguma coisinha, quem queria beber, por exemplo”. Tudo ocorria no âmbito de um salão que acompanha a Capela, porque a Capela é pequena, estilo interior, mas o salão era grande.

A partir da construção da Capela, passou a haver, na realização dos festejos, a levantada e derrubada do mastro, além do hasteamento da bandeira com a imagem de São Benedito. A levantada do mastro significa o início da festa no dia 18 de dezembro. A bandeira e o mastro são para chamar a atenção das pessoas. A derrubada do mastro significa o encerramento da festa no dia 26 do mesmo mês.

Antes da construção da Capela, o formato do festejo era diferente. A reza era feita com o quadro que Dona Zuíla trouxe de Gurupá, com uma fotografia de São Benedito, como exposta na parede das casas das pessoas do interior. Era um quadrozinho, aquele pequeno oratório, onde

ficam os santinhos de barro. Funcionava dessa forma, segundo o professor Bacelar, filho de Dona Zuíla. A capela, na verdade, era simbolizada pelo oratório pequeno e a imagem do santo, representada na fotografia em um quadro na parede. E esse quadro era colocado no andor, as pessoas saíam percorrendo as ruas no dia da procissão. O professor Bacelar afirma ainda que “as festas não tinham toda essa badalação que têm hoje”. (Bacellar, 2002). A festa era dançante. Havia um momento em que se parava toda a programação religiosa e as pessoas dançavam até o amanhecer no salão que fica anexo à Capela, próximo ao canal. Conforme esclarecimentos do professor Bacelar, por motivos óbvios, teve-se que mudar também a forma de executar a festa, por conta da violência. Houve uma preocupação de não se perder o brilhantismo. Isso ocorreu recentemente, nos últimos cinco anos. A diretoria da festa resolveu fazê-la em formato de arraial, em que não ocorre mais a festa dançante para evitar a prática da violência causada, muitas vezes, pelo disseminado consumo de bebidas alcoólicas.

Na década de 1980, Dona Zuíla conseguiu uma nova imagem de São Benedito. O seu filho, Nil Pisca, viajou para Belém do Pará e trouxe uma estátua que é utilizada, atualmente, na capela e nas procissões, feita de um material mais sofisticado e medindo, aproximadamente, setenta e cinco centímetros de altura.



Imagem 1: Fiéis entrando na Capela, carregando o andor com a imagem de São Benedito após a procissão. Fonte: (DIAS, 2002).

O nível de organização do Festejo evoluiu de acordo com o mesmo nível de organização da própria comunidade. Com a mudança para o formato de arraial, há uma interação entre várias atividades, afirma o professor Bacelar (2002):

Entra um cantor de MPB, entra um bingo, entra um leilão, entra um anúncio. Tudo isso para que as famílias tradicionais não percam o interesse pelo evento. E a partir da década de 1990, as mudanças significativas são do ponto de vista tecnológico, onde a gente pode colocar um CD, as músicas são melhoradas, naquele tempo a gente não tinha som pra tocar, as limitações eram essas. Atualmente já tem a participação dos órgãos governamentais como a Companhia de Eletricidade do Amapá (CEA), colocando refletores; a Polícia Interativa, cobrindo a parte da segurança; a Banda da Polícia Militar, que acompanhou a procissão no dia da abertura (18 de dezembro). Há dez anos atrás não havia toda essa participação.

Outra mudança significativa que houve foi em relação à forma de se fazer a missa, porque, como já afirmamos, Dona Zuíla rezava a ladainha em latim. Então, os seus filhos, de acordo com o professor Bacelar, ficavam preocupados porque as pessoas não entendiam, e o que eles queriam era que as pessoas entendessem o que se passava na missa. Ele faz uma alusão ao que acontecia na Idade Média, em que na Igreja “às vezes as coisas eram tão banalizadas, você não sabia o que o padre estava dizendo, e estava se passando uma forma de dominação” (BACELLAR, 2002). Então, os filhos de Dona Zuíla resolveram conversar e propor a ela que fizesse a ladainha em alguns momentos, mas, por outro lado, começasse a transformá-la na leitura do evangelho, na interpretação do evangelho, da Bíblia mesmo, para que as pessoas pudessem perceber e saber do se trata. Com base nisso ocorre, atualmente, a missa na Capela São Benedito.

Manoel Osvanil (2002) acrescenta que o que mais chamou a atenção para o acúmulo das pessoas, isto é, para o aglomerado de pessoas que participam, cada vez mais, dos festejos, são os feitos que têm acontecido, resultantes da fé, porque as pessoas veem no santo milagroso, que é São Benedito, um impulso por meio do qual é possível ter resposta positiva, como os promesseiros, por exemplo. Em razão disso, pagam suas promessas com donativos, contribuindo com o santo através da doação de bens ou animais, que são abatidos na preparação do almoço, servido gratuitamente, a fim de as pessoas possam compartilhar a ceia no dia 26 de dezembro.

Manoel Osvanil (2002) relata que o aumento do número de participantes é resultado de um trabalho social, porque a fé, no seu entendimento, é um passo muito grande para a solidariedade, humildade, sensibilidade e, acima de tudo, para a coletividade. Há resultados que são possíveis de se atingir através desses festejos quando se promove, principalmente a unidade e a paz, nas palavras dele:

Então a fé que é algo que vem do coração, da alma, ela é inexplicável quando você percebe que há uma coisa muito estranha, que as pessoas vêm espontaneamente. Aqui não é nada feito de forma ensaiada. São as pessoas que cultuam o São Benedito, como sendo o nosso interventor entre os homens da terra e Jesus Cristo, que é o nosso Salvador de todos os tempos (OSVANIL, 2002).

O Festejo de São Benedito de Gurupá nasceu, portanto, devido à promessa e a graça recebida por Dona Zuíla, que impulsiona e sustenta a festa até hoje, embora não seja o padroeiro do bairro. Na Capela São Benedito são feitas as novenas do santo e de vez em quando o velório de pessoas falecidas no interior do Estado, além da grande festa em honra a São Benedito que, segundo a diretoria da festa, atrai, atualmente, cerca de duas mil pessoas.

As pessoas que participam dos Festejos de São Benedito são, em sua maioria, de baixo poder aquisitivo e, assim como Dona Zuíla, migrantes das ilhas vizinhas (Caviana, Mexiana, Afuá etc.) do Estado do Pará. Isso demonstra, em certa medida, a aproximação de São Benedito com seus devotos, por tratar-se de pessoas simples.

São Benedito, segundo o padre José Busato, foi um santo taumaturgo<sup>7</sup> que ajudou muita gente a receber milagres. É um dos santos mais populares do mundo, principalmente no Brasil. São Benedito, o Negro, assim como é chamado na Liturgia da Missa, nasceu em 1526 na Itália, na localidade de Filadelfo, perto de Messina, na ilha de Sicília. Seus pais eram escravos originários da Etiópia. O padre explica que começou sua vida no trabalho dos campos alheios. Dono de uma junta de bois, podia ganhar o suficiente para viver sem pesar na economia doméstica. Mas certa vez encontrou-se com São Jerônimo de Lanza, que o convidou para ser eremita. Benedito não duvidou do chamado: “vendeu os bois, distribuiu a renda aos pobres e partiu imediatamente para seguir sua vocação” (BUSATO, 2002).

O padre José Busato conta que Benedito trabalhou como faxineiro e, depois de tantas provas de capacidade e de perfeição, foi promovido a cozinheiro do convento. Graças a sua generosidade e delicadeza no acolhimento dos pobres, muita gente começou a procurá-lo para ter conselhos curas e milagres.<sup>8</sup>

Morreu em 4 de abril de 1589, aos 63 anos de idade. Sua festa ficou marcada oficialmente pela Igreja Católica para o dia 5 de outubro, desde 1983. Como é padroeiro dos coroinhas e das cruzadinhas, é padroeiro também das cozinheiras e domésticas, dos fazendeiros

<sup>7</sup> Conforme o *Dicionário Aurélio*, **taumaturgo** significa aquele que faz milagres.

<sup>8</sup> BUSATO, Pe José: Um Santo Querido (artigo).

e dos que criam animais domésticos. Em Macapá, é padroeiro da Paróquia de São Benedito do Laginho, com cinquenta capelas e de uma capelinha particular de Dona Zufla, construída no bairro Perpétuo Socorro. Cogitamos que resida nesses aspectos a explicação para tantas doações, que são oferecidas voluntariamente a São Benedito durante a realização dos festejos no mês de dezembro (não seguindo, portanto, a data oficial) e, por conseguinte, há a culminância com a distribuição de café da manhã e do grande almoço no dia da procissão (26 de dezembro) para todos os participantes.

O Padre José Busato diz, em entrevista, que São Benedito é mais conhecido aqui no Brasil do que na própria Itália. Feita a exceção da Sicília, que era a localidade onde ele vivia, “é muito mais conhecido graças o [sic] Portugal. Então, entrou essa devoção aqui no Pará, por meio de Gurupá. Em Macapá, por meio da Igreja de São Benedito que foi optada mesmo pelos moradores do Laginho” (Busato, 2002).

### **A Origem da Festa em Honra a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro**

Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é a padroeira oficial do bairro, cujo nome é o mesmo da Santa. Teve como esteio de origem a inauguração, em 1958, pelo padre Vitório Galliani, no antigo bairro do Igarapé das Mulheres, de uma Capela em madeira, construída pelo padre Ângelo Biraghi, na confluência da Rua Juapurú (sic) com a Rua Parú.<sup>9</sup>

Sobre o critério para que fosse escolhida Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, o padre Paulo Lepre, atual pároco da São José (Paróquia, a qual está subordinado o Santuário Nossa Senhora do Perpétuo Socorro) afirma que os padres do PIME queriam levar a devoção católica até aquela comunidade e escolheram a referida Santa. No início, a população era pequena e só mais tarde foi crescendo, aumentando a quantidade de devotos. Portanto, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro tornou-se a santa oficial do bairro a partir da chegada do PIME (Pontifício Instituto das Missões Exteriores) no Amapá.

O PIME é um Instituto que teve sua fundação entre 1849 e 1850, na diocese de Milão, por obra de D. Ângelo Ramazzoti e de um grupo de jovens sacerdotes desejosos de trabalhar no campo das missões estrangeiras. Tinham a opção preferencial pelas missões mais difíceis,

---

<sup>9</sup> BUBANI, Pe. Ângelo, Diocese de Macapá – Bispo – Paróquias – Padres – Religiosos – Igrejas, apontamentos históricos. 2ª Ed. Macapá, Dezembro de 1985. p. 66-67

para as quais o evangelho ainda não havia sido levado, ou seja, nos países mais distantes, conforme Francesca Consolini.<sup>10</sup>

A Chegada do PIME no Brasil ocorreu por causa da II Guerra Mundial (1939 – 1945), pois, durante sete anos, o Instituto não conseguiu enviar seus missionários para seus tradicionais campos de trabalho (China, Índia, Birmânia), assim, escolheram o Brasil pelo fato de apresentar condições favoráveis para as missões e de não estar envolvido diretamente na Segunda Guerra. Em Macapá, os missionários do PIME chegaram em 1949, encontrando nesta região, segundo o Pe. Benedito Líbano de Souza – PIME, um povo composto por Caboclos, Índios e Afro-brasileiros quase totalmente abandonados religiosamente.<sup>11</sup>

A Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, tendo-se demonstrado pequena para o grande público de fiéis, foi novamente ampliada pelo padre Ângelo Biraghi e reinaugurada pelo bispo Dom Aristides Piróvano em 1960, mantendo as características da anterior; apenas foram-lhe acrescentadas duas naves laterais. Em 27 de junho de 1970 foi novamente ampliada e reinaugurada por Dom José Maritano. Recebeu piso de cimento e o bispo permitiu que nela se conservasse perenemente o Santíssimo Sacramento. Em 1981, Dom José Maritano inaugurou a nova e bela Igreja em alvenaria, construída pelo padre Paulo Lepre, em terreno doado pelo Governo do Território, na 3ª Rua (atual Acésio Guedes), de esquina com a Nações Unidas. A construção, possibilitada por recursos conseguidos pelo PIME – USA, tinha sido iniciada em 04 de novembro de 1980.<sup>12</sup>

Sobre a atual localização da Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, o professor Bacelar (2002) explica que, pela evolução e pela questão de como a Igreja Católica trabalha, “porque ela procura demarcar espaço no bairro, na cidade, no estado, enfim” (Bacellar, 2002), ela funcionava, de fato, próximo onde funciona os Festejos de São Benedito de Gurupá e próximo, também, onde se localiza hoje a “matriz” (o santuário do Perpétuo Socorro). Sua localização era, realmente, na Rua Rio Japurá (no livro do Pe. BUBANI escreve-se Juapurú). Explica o professor Bacelar (2002) que era uma igreja modesta e pequena nos tempos do

---

<sup>10</sup> REVISTA MUNDO E MISSAO. PIME Pontifício Instituto das Missões – Memorial da Missão. São Paulo: Mundo e Missão, 2000, p. 4-5.

<sup>11</sup> Iden, P. 24.

<sup>12</sup> BUBANI, Pe. Ângelo. Op. Cit. P. 66-67

Igarapé das Mulheres. Com o crescimento do bairro, a igreja matriz foi situada estrategicamente no centro do bairro.



Imagem 2: Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro; em 2002, encontra-se em reforma. À frente, o bispo comanda seus fiéis. Fonte: (DIAS, 2002)

Cabe acrescentar que a primeira igreja construída no atual local (Rua Acésio Guedes com a Avenida Nações Unidas), pelo padre Paulo Lepre, já foi demolida e construída uma nova, agora maior e com recursos conseguidos de doações dos fiéis. E a respeito da localização estratégica de que fala o professor Bacelar, a Igreja Católica, de fato, ao longo de sua história, sempre procurou levar o evangelho onde se apresentasse o maior número de pessoas para a cristianização. A localização do Santuário do Perpétuo Socorro, portanto, ajusta-se aos objetivos da Igreja.

A Festa em Honra a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro ocorre na primeira quinzena do mês de agosto. As ações das cinco primeiras noites constituem-se de terço, ladainha, missa e novena. Todos os dias eram marcados por um tema diferente sobre o Ícone Milagroso de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Nos terços e ladainhas percebemos um pequeno número de participantes (considerando o tamanho da igreja), a maioria pertencente ao público de idoso. Por outro lado, no momento das missas, a quantidade de pessoas aumentava, superlotando a igreja superlotada. No dia 11 de agosto (último dia da Festa) ocorreu, às 17 horas, a procissão de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro pelo seguinte trajeto: Avenida Nações Unidas, Beira – Rio, Avenida Ana Nery e Rua Acésio Guedes. Durante a procissão, percebemos que a quantidade de fiéis é muito maior que a dos devotos de São Benedito de Gurupá, talvez porque a festa deste Santo é particular e a da Santa é a oficial.

Outra diferença que percebemos é que a Missa Solene da Festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foi presidida pelo bispo diocesano Dom João Risatti. Enquanto, no Festejo em Honra a São Benedito de Gurupá, não houve sequer a Missa Campal prevista na programação, resumindo as nove noites em terço, novena e ladainha. A alegação dos devotos, nas entrevistas realizadas, é a falta de padres para celebrar a missa na Capela São Benedito. Além disso, os poucos existentes na Diocese de Macapá encontram-se bastante ocupados, no período de 18 a 26 de dezembro, devido às cerimônias de Natal. No entanto, percebe-se, na verdade, um certo descaso em relação a esse festejo por tratar-se de um evento particular, conduzido por leigos.

No arraial de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, ocorrido nos dias 10 e 11 de agosto de 2002, observamos que os donativos (iguarias) são vendidos para arrecadar recursos para a Igreja (no caso daquele ano, para terminar a reforma do Santuário do Perpétuo Socorro). Por outro lado, Dona Zuíla (2002) explica que no Festejo de São Benedito todos os donativos arrecadados nas nove noites de festa são doados para os participantes no dia do encerramento no grande almoço que é ofertado em agradecimento às graças recebidas.

### **Diferença: A Festa Oficial e a Particular**

Nas novenas que participamos, tanto na Capela São Benedito como na Igreja do Perpétuo Socorro, percebemos que todos os devotos de São Benedito de Gurupá, frequentam as missas na igreja normalmente, embora o festejo seja uma ação de leigos neste bairro. Por outro lado, os participantes da Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em maioria, não participam do Festejo em Honra a São Benedito de Gurupá. Isso ocorre, segundo o presidente da Associação de Moradores do bairro, Aldenir Rodrigues Pantoja, porque:

As pessoas que participam do Festejo de São Benedito são de classe média-baixa, pessoas simples e moradores das baixadas. Algumas vezes, vêm “promesseiros” de algumas localidades do interior do Estado. Por sua vez, os que participam da Festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, são mais pessoas elitizadas, que vêm de outros bairros e as pessoas do próprio bairro, que participam, são somente as que têm um maior poder aquisitivo (PANTOJA, 2002).

Como participantes da festa, também percebemos que pessoas oriundas de vários bairros da cidade, não apenas na época da Festa da Santa, mas também no decorrer do ano,

aparecem para a prática de devoção, assim como pessoas de diferentes camadas sociais, como médicos, professores, comerciantes e políticos.

O Festejo de São Benedito de Gurupá tem um caráter mais laico no sentido de que foi criado por Dona Zuíla e que é organizado até hoje por ela e seus familiares. Esta é a visão da oficialidade católica. Para o bispo Dom João Risatti (2002), a diferença é que a Festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é de toda a comunidade, sendo ela a padroeira do bairro. E continua: “A Festa de São Benedito é de uma família, não foi criada com a orientação da Igreja, foi feita por iniciativa própria” (RISATTI, 2002).

Sobre essa questão, o padre José Busato afirma que a Capelinha de Dona Zuíla é particular porque “não é reconhecida como uma capela pública” (BUSATO, 2002). Para ele, capela pública é aquela que tem missas regulares, todo domingo, ou uma vez por mês, e cita, como exemplo, “Capela do interior que é a matriz para todos os católicos do interior” (BUSATO, 2002). Segundo ele, a capela São Benedito foi feita por iniciativa particular de Dona Zuíla. Ele acrescenta também que na época em que esteve lá (até 1985) nunca foi proibido celebrar missas, mas quem é o responsável direto é justamente a dona da casa, não o pároco. Por isso que ela se permitia chamar qualquer padre que lhe agradasse. Não precisava depender de outra pessoa, porque ela é a dona da capela.

Para o Capuchinho Moisés, que faz parte do Santuário Perpétuo Socorro e anima as celebrações em homenagem a São Benedito de Gurupá, há, aproximadamente, um ano e seis meses, “não existe diferença entre a Festa da padroeira oficial e a Festa de São Benedito, mas, existe culturas” (MOISÉS, 2002). Segundo ele, o Festejo de São Benedito, segue os rituais existentes no município de Gurupá, enquanto a Festa da padroeira do bairro é um pouco mais litúrgica, voltada mais para a própria liturgia cristã. Os festejos de São Benedito, contrariamente, são voltados mais para o conhecimento do povo. Ele diz que não há diferença em relação à participação dos fiéis, pois o conhecimento do povo e a liturgia são manifestações de fé. A Festa de São Benedito seria, portanto, o povo que se manifesta, espontaneamente, com sua fé. Sendo capaz até de transferir a devoção de um local para outro.



Imagem 3: Na mesa, do centro, almoçando com as crianças, o capuchinho Moises, que acompanha as celebrações eucarísticas na capela São Benedito desde o ano de 2001. No entanto, sem a realização de missas. **Fonte:** (DIAS, 2002).

### As divergências com a oficialidade católica

Até o ano de 2001, o festejo organizado por Dona Zuíla não era bem-visto, ou, não tinha o apoio oficial e o reconhecimento da Igreja Católica. O padre da igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro negava-se a rezar missa na Capela São Benedito, chegando até mesmo a encaminhar Dona Zuíla para ir falar com o bispo diocesano Dom João Risatti, com o intuito de impedir as rezas e as festas em homenagem a São Benedito de Gurupá. Segundo Dona Zuíla, durante três anos, os padres não foram rezar missa em sua capela, desde 1998. Então, no ano de 2001 ela foi até a igreja do Perpétuo Socorro falar com o padre Álvaro para tentar resolver o problema. E ele disse: “quem quer falar contigo é o bispo Dom João.” Ela foi falar com o bispo, e este, por sua vez, pediu que Dona Zuíla conversasse com o padre da comunidade. Diante dessa situação, Dona Zuíla, em conversa com o padre Álvaro declarou o seguinte:

[...] Aí eu falei pra ele: E aí padre, o senhor vai rezar missa ou não vai? Olha padre Álvaro, eu vou lhe dizer uma coisa: Não adianta o senhor querer tirar a reza de São Benedito lá de casa que eu não vou parar. Eu lhe digo mesmo pode fazerem comigo o que quiserem, mas eu só paro de rezar pro São Benedito quando eu morrer. Se eu não puder falar mais, eu chamo uma pessoa e mando rezar um Pai Nosso, uma Ave Maria, uma Santa Mãe. [...] Então, eu sou pobre, eu não sou rica, o senhor pensa que nós fazemos festa pra ficar rico? Não (ZUÍLA, 2002).

Por conta disso, Dona Zuíla explica que atualmente as festividades de São Benedito estão integradas com a Diocese de Macapá, a partir do ano de 2002. O padre reconheceu, pediu

para ser local de catequese. Segundo a senhora Ângela, nora de Dona Zuíla, o festejo de São Benedito de Gurupá é uma força espiritual que a organizadora conseguiu dar para muita gente. Portanto, é importante a Igreja reconhecer, visto que não é uma coisa pecadora.

Antes desse período de impasse, mesmo sem integração com a Diocese, todo ano a capela contava com um padre para rezar. Depois do padre José Busato, que foi o primeiro sacerdote a celebrar missas na capela São Benedito, veio o padre Cácio e o padre Luiz. A senhora Ângela acrescenta que os padres de fora da comunidade vinham e quem tinha posição contrária, às vezes, era mais o padre local” (ÂNGELA, 2002).

Esse clima de tensão entre membros da igreja local e a organizadora do Festejo de São Benedito intensificou-se, como revela o presidente da Associação de Moradores, a partir de um conflito que ocorreu há aproximadamente cinco anos: “O bispo não liberava padres para rezar a missa na Capela de Dona Zuíla, sob a alegação de que estava sendo usada a imagem do São Benedito de Gurupá para fins políticos, conforme o padre da comunidade” (PANTOJA, 2002). Como já afirmamos neste trabalho, um dos filhos de Dona Zuíla (Nil Pisca), é vereador do município de Macapá desde 1997 e, segundo o presidente da ASMOB-PS, Aldenir Pantoja, “o padre local achava que o Festejo estava atrelado à campanha do vereador” (PANTOJA, 2002) tentando acabar com a realização deste evento.



Imagem 4: Novenário dirigido por Dona Zuíla. Durante as nove noites de novena (18 a 26 de dezembro de 2002) foi ela que direcionou os eventos na Capela, devido à ausência de Padres. Fonte: (DIAS, 2002).

Embora os familiares passem a acumular poder simbólico, porque como sabemos, a origem do Festejo de São Benedito data de um período muito anterior ao citado acima e esse poder acumulado pode ter influenciado na eleição do vereador, verificamos, qual o motivo da

divergência com o clero local. Tratar-se-ia, então, de uma disputa pelo espaço entre as imagens dos dois santos?

Sobre a questão do reconhecimento da Igreja, a senhora Ângela conta que, “parece que chamou atenção: cada ano que se passa dá mais gente. Mas, não se trata de uma disputa pelo espaço. A Igreja não se preocupava com isso, porque é como uma cultura que ela trouxe reconhecida atualmente pelo bispo” (ÂNGELA, 2002).

Um outro motivo da divergência entre a Igreja e a promotora do Festejo de São Benedito de Gurupá nos é revelado pelo professor Bacelar. Segundo ele, a Igreja não participa diretamente do Festejo (pelo menos até o ano de 2001). E, portanto, “nunca houve um interesse por parte da Igreja Católica, dos padres, das pessoas que atuam dentro da Igreja em incentivar, em participar, por exemplo, da elaboração, de perguntar, ou até mesmo de orientar: por que se faz essa Festa?” (BACELLAR, 2002). Embora sabemos que no começo os padres celebravam lá. Nisso tudo, “algumas pessoas, geralmente, tentam pejorar o que ocorre no Festejo.” (BACELLAR, 2002).

Ademais, ele (2002) informa que “houve anos que deu muito movimento nessa festa e as pessoas indagavam: para onde é que vai o dinheiro que é arrecadado? Há prestação de contas? Utilizam a Festa para fins de arrecadação financeira?” E acrescenta que:

Esses comentários, inclusive, saíram de parte do seio da Igreja mesmo, de pessoas que militam lá [no Santuário Perpétuo Socorro] e não têm o mínimo de interesse de participar. Tanto que, por exemplo, tem até uma equipe que organiza a Festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, ficam pra lá, não se entrosam, não vêm aqui. E por outro lado, a Dona Zuíla é até cozinheira lá quando acontece o arraial de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (BACELLAR, 2002).

Uma tentativa da Diocese de Macapá de impor um certo controle sobre o Festejo de São Benedito ocorreu, de fato, em 2001. Foi uma tentativa, conta o professor Bacelar “isso muito forte de a Igreja controlar o que entra, o que se arrecada do festejo. A Igreja queria que uma parte da arrecadação fosse para a paróquia do bairro. Foi uma proposta feita, houve uma reunião com o padre, com os representantes da paróquia. A Dona Zuíla foi chamada para ir até a paróquia de São José para ver se parte do recurso arrecadado poderia ser, também, mandado para a paróquia do bairro Perpétuo Socorro” (BACELLAR, 2002). Nessa reunião, Dona Zuíla expôs que não fazia festa para ficar rica e sim como agradecimento a São Benedito por tantas graças recebidas, como já foi mencionado neste trabalho. Isto evidencia os ganhos financeiros

com a festa. Pois, no arraial são vendidas iguarias e bebidas. Além disso, este episódio evidencia a insubmissão de Dona Zufla ao poder da Hierarquia Católica, causando, desta forma, o impasse que se acentua a partir do momento em que ela se nega a repassar uma parte da renda para a Diocese.

Essa questão do recurso é justificada pelo professor Bacelar, pois ele esclarece que nesse festejo, há gastos. Por exemplo: todo ano é preciso fazer a pintura da casa como um todo envolvendo, principalmente, a capela e o salão. Enquanto não se cobra nada de entrada para os participantes; tudo é doado: o café da manhã, o almoço” (BACELLAR, 2002). Ele afirma ainda que quem colabora são os próprios membros da Diretoria, os promesseiros participam com doações. Mas a contribuição principal é da própria família organizadora do festejo. Segundo ele, nem mesmo empresários participam. E acrescenta que só se arrecada, na contrapartida, quando se promove o leilão, que são as oferendas que as pessoas trazem com humildade, o bingo, a venda de comidas típicas.

É importante voltarmos à primeira década do Festejo de São Benedito para verificar como se dava a relação com a Igreja naquela época (1976 a 1985). O padre José Busato explica que, como era uma capela particular, a Igreja não dava apoio, mas também não exigia nada. Ele compara com a Festa de São Benedito no Laginho (padroeiro oficial) que tinha toda a aprovação da Igreja, mas precisava pagar dez por cento para a Diocese. Percebemos, com isso, que na verdade, a Igreja Católica nunca demonstrou nenhum compromisso com o Festejo de São Benedito de Gurupá por não ter sido criado por iniciativa oficial.

A visão do bispo da Diocese de Macapá, Dom João Risatti, confirma o que já escrevemos até aqui. Para ele, o Festejo de São Benedito “não é da Igreja, é particular. Então, o que a Igreja quer é que seja uma Festa da comunidade e não de uma família individual. A Igreja orienta, também, para que, o que seja arrecadado, seja distribuído aos pobres, porque, esses sim, são o sentido de ser da Igreja, que é fazer o bem, e não o objetivo de se ter proveito individual” (RISATTI, 2002). Ele afirmou também que a Igreja não aceita que se use as imagens dos santos para fins lucrativos, individuais.

Por outro lado, segundo o bispo Dom João, a Igreja, a partir do ano de 2001 está acompanhando e orientando para que se façam as coisas certas. Se a festa tiver como fim praticar a solidariedade, então, a Igreja não terá nada contra. Ainda, conforme Dom João, o vigário do Santuário do Perpétuo Socorro, que atualmente é o padre Álvaro, acompanha e já

reuniu com a organizadora do festejo para que sejam feitas, na Capela, atividades voltadas para o sentido da vida cristã, como batizados, encontros de casais, catequeses.

No bojo da questão, parece que havia, na realidade, uma certa falta de interesse, de entendimento ou até mesmo de comunicação porque, de um lado, temos a concepção e a exigência da Igreja. De outro, temos, exatamente, as declarações da Diretoria do festejo, de que é uma festa que promove a solidariedade e trabalho social na comunidade como quer a Igreja. Na visão do professor Bacelar, a questão do “reconhecimento”, nos dois últimos anos, por parte da oficialidade católica, foi por perceber o nível de organização. Porque, como percebemos, atualmente, os Festejos em Honra a São Benedito de Gurupá já não pertencem apenas à Dona Zuíla e a sua Diretoria, mas consta, de fato, como um patrimônio histórico-cultural dos eventos religiosos comunitários do bairro Perpétuo Socorro.

Então, segundo o professor Bacelar, a Igreja “por perceber que não tinha como passar um rolo compressor e ignorar, na verdade, a participação dos fiéis, reconheceu, através do bispo da Diocese de Macapá, as festividades de São Benedito como parte do seu calendário”. (Bacellar, 2002). Ele afirma que esse “reconhecimento” foi mais para amenizar o impasse, “como pra não ficar feio, assim ruim, com relação aos fiéis que frequentam a Igreja do Perpétuo Socorro. Porque, na verdade, ainda hoje, fica muito assim: se a Dona Zuíla convidar o padre, o padre vai até a Capela” (BACELLAR, 2002).

No entanto, após a reunião que houve em 2001, o padre já procurou a organizadora do festejo para colocar a capela à disposição para que se definisse um calendário para o ano todo com batizados, com missas, quinzenalmente. Mas o professor Bacelar reforça que isso tudo deve ter sido fruto, exatamente, da organização e por ter ressonância, também, com as pessoas que frequentam o Santuário Perpétuo Socorro. Como já foi mencionado, todos os devotos de São Benedito frequentam as missas na igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro normalmente.

Dona Zuíla nos afirmou que os motivos da realização do Festejo de São Benedito são devidos as graças que ela tem recebido. Mas percebemos que, atualmente, a preservação e a continuidade desse evento vão muito além desses motivos. Vejamos isso nas palavras de seu filho, o professor Bacelar. Nas suas impressões, ele diz que “a visão de mundo de Dona Zuíla é proporcionar o bem ao próximo” (BACELLAR, 2002). Para tanto, “quando ela realiza esses festejos, ela está se completando interiormente, porque ela está dando, nem que seja nesse dia

dos festejos, uma possibilidade de uma pessoa mais carente do que ela ter um prato de comida para almoçar nesse dia, para poder tomar um café” (BACELLAR, 2002).

Observa-se, portanto, que as afirmações feitas no discurso acima, justificam um trabalho de cunho social e que tem como fundamentação a solidariedade. E quando a Igreja percebeu isso, cuidou para que fosse reconhecido o festejo, sendo uma manifestação de fé e que, com o passar dos anos, transformou-se em uma questão cultural, que não se pode apagar de uma hora para outra.

Sobre a questão cultural, o Capuchinho Moisés (2002) explica que a Igreja Católica não está acostumada com algumas culturas como a levantada do mastro, mas, vendo a fé do povo, a Diocese claro que não vai deter a fé. Então ela abençoa e contribui mandando seus sacerdotes para celebrar. Conforme o Capuchinho Moisés, em 2001, a Capela São Benedito foi abençoada por Dom João Risatti e há um ano já vem sendo celebrado missas pelo pároco padre Álvaro, além das orações feitas frequentemente na capela durante a semana.

Perguntado sobre a divergência que ocorreu antes de 2001, o padre Moisés responde que a Igreja nunca se opôs a nada, mas que teve a preocupação de não embaralhar as idéias do povo e sim colocar entre claras tudo aquilo que faz, pois, segundo ele, a Igreja Católica “é uma Instituição que tem dois mil anos e não é uma coisa inventada. Por isso, que a única preocupação da Diocese é para que o povo tenha consciência daquilo que está fazendo”. (MOISÉS, 2002) Ele afirma também que a fé é muito importante, mas, “a Diocese tem o dever de orientar o povo para que não possa fazer coisas que não estejam de acordo com a própria doutrina da Igreja” (MOISÉS, 2002).



Imagem 5: Retirada do mastro e da bandeira no dia 26 de dezembro. Momento que simboliza o final da festa. Fonte: (DIAS, 2002).

Diante disso, o padre Moisés retorna à questão e diz que antigamente “não que a Diocese era contra os festejos, mas sim, que uma capela, para ser fundada, deve-se seguir todo um conceito, todas as sutilezas que é preciso obedecer de acordo com a Santa Mãe da Igreja”. (MOISÉS, 2002). Ou seja, é preciso a autorização da Diocese. Atualmente, Dom João permitiu que sejam realizados os festejos. Porque, de acordo com o padre Moisés, “quando se faz uma coisa sem autorização é ilegal. E a Igreja deve ter coisas legais. Nesse sentido, a Igreja não proíbe, mas, é uma instituição que deve ter as suas regras respeitadas.” (MOISÉS, 2002).

Desta forma, podemos inferir que a Igreja Católica acaba por render-se aos costumes e manifestações espontâneas da religiosidade popular que é muito forte e influencia as ações da Igreja.

## Considerações Finais

Diante de tudo o que foi explanado, é nítido que O Festejo de São Benedito de Gurupá e a Festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro divergem entre si e, simultaneamente, combinam-se para construir um objeto comum: *a religiosidade popular*, que é o tema central deste trabalho. Mostramos também que as concepções populares de religião e fé se contrapõem às concepções da oficialidade católica e, por vezes, necessitam tolerar-se para a manutenção de seus poderes simbólicos; embora seja um poder invisível, mas de grande importância social.

## Referências

ÂNGELA, D. *Entrevista cedida a Aldeci da Silva Dias em 26 de dezembro de 2002*. Macapá, Bairro Perpétuo Socorro. (Com gravação em arquivo MP3).

BACELLAR, M. A. B. *Entrevista cedida a Aldeci da Silva Dias em 26 de dezembro de 2002*. Macapá, Bairro Perpétuo Socorro. (Com gravação em arquivo MP3).

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p.07-16.

BUBANI, P. A. **Diocese de Macapá – Bispo – Paróquias – Padres – Religiosos – Igrejas, apontamentos históricos**. 2ª Ed. Macapá, Dezembro de 1985. p. 66-67

BUSATO, P.J. *Entrevista cedida a Aldeci da Silva Dias em 26 de dezembro de 2002*. Macapá, Bairro Perpétuo Socorro. (Com gravação em arquivo MP3).

**DIAS, A. S. Almoço comunitário oferecido gratuitamente por Dona Zuíla a todos os convidados, no dia 26 de dezembro; à direita, “Seu Lamparina”, que além de ser membro da diretoria do festejo, é juiz do mastro e da bandeira. 2002. (Arquivo Pessoal)**

**DIAS, A. S. Com o aumento do número de participantes, atualmente muitos devotos de São Benedito já ficam pelo lado de fora da Capela. 2002. (Arquivo Pessoal)**

**DIAS, A. S. Fiéis entrando na Capela, carregando o andor com a imagem de São Benedito após a procissão. 2002. (Arquivo Pessoal)**

**DIAS, A. S. Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro; em 2002, encontra-se em reforma. À frente, o bispo comanda seus fiéis. 2002. (Arquivo Pessoal)**

**DIAS, A. S. Imagem da capela São Benedito: ao fundo, o padre José Busato, o primeiro sacerdote a celebrar missa nesta capela. 2002. (Arquivo Pessoal)**

**DIAS, A. S. Na ausência do Bispo e do padre, é a Dona Zuíla quem coordena todos os acontecimentos durante a procissão: cânticos, preces e agradecimentos; uma autêntica mantenedora dos festejos. 2002. (Arquivo Pessoal)**

**DIAS, A. S. Na mesa, do centro, almoçando com as crianças, o capuchinho Moises, que acompanha as celebrações eucarísticas na capela São Benedito desde o ano de 2001. No entanto, sem a realização de missas. 2002. (Arquivo Pessoal)**

**DIAS, A. S. Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. 2002. (Arquivo Pessoal)**

**DIAS, A. S. Novenário dirigido por Dona Zuíla. Durante as nove noites de novena (18 a 26 de dezembro de 2002) foi ela que direcionou os eventos na Capela, devido à ausência de Padres. 2002. (Arquivo Pessoal)**

**DIAS, A. S. Procissão de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro no mês de agosto, onde o Bispo é a presença certa. A quantidade de devotos é bem maior que na procissão de São Benedito. 2002. (Arquivo Pessoal)**

**DIAS, A. S. Procissão de São Benedito de Gurupá; à frente, crianças com suas vestes brancas. 2002. (Arquivo Pessoal)**

**DIAS, A. S. Retirada do mastro e da bandeira no dia 26 de dezembro. Momento que simboliza o final da festa. 2002. (Arquivo Pessoal)**

**DIAS, A. S. São benedito de Gurupá. 2002. (Arquivo Pessoal)**

**FRANÇA, D. A. S. *Entrevista cedida a Aldeci da Silva Dias em 23 de dezembro de 2002.* Macapá, Bairro Perpétuo Socorro. (Com gravação em arquivo MP3).**

**FRANÇA, D. A. S. *Entrevista cedida a Aldeci da Silva Dias em 23 de dezembro de 2002.* Macapá, Bairro Perpétuo Socorro. (Com gravação em arquivo MP3).**

**GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.**

**MAUÉS, R. H. *Catolicismo, religiosidade e cultura popular entre pescadores e camponeses na Amazônia Oriental.* In: GODOI, E. P.; MENEZES, M. A.; MARIN, R. A. (org.).**

Diversidade do campesinato: expressões e categorias. São Paulo: UNESP, 2009. v.1, cap. 4, p. 95-112. Disponível em: <http://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/539>. Acesso em: 25. Mar de 2022.

MOISÉS, C. *Entrevista cedida a Aldeci da Silva Dias em 23 de dezembro de 2002*. Macapá, Bairro Perpétuo Socorro. (Com gravação em arquivo MP3).

MOISÉS, C. *Entrevista cedida a Aldeci da Silva Dias em 26 de dezembro de 2002*. Macapá, Bairro Perpétuo Socorro. (Com gravação em arquivo MP3).

PANTOJA, A. R. *Entrevista cedida a Aldeci da Silva Dias em 24 de dezembro de 2002*. Macapá, Bairro Perpétuo Socorro. (Com gravação em arquivo MP3).

POPULAÇÃO do bairro Perpétuo Socorro. Disponível em: [https://populacao.net.br/populacao-perpetuo-socorro\\_macapa\\_ap.html](https://populacao.net.br/populacao-perpetuo-socorro_macapa_ap.html). Acesso em: 24. Mar de 2022.

REVISTA Mundo e Missão. PIME- Pontifício Instituto das Missões – **Memorial da Missão**. São Paulo: Mundo e Missão, 2000, p. 4-5.

RISATTI, D. J. *Entrevista cedida a Aldeci da Silva Dias em 26 de dezembro de 2002*. Macapá, Bairro Perpétuo Socorro. (Com gravação em arquivo MP3).

ZUÍLA, D. *Entrevista cedida a Aldeci da Silva Dias em 22 de dezembro de 2002*. Macapá, Bairro Perpétuo Socorro. (Com gravação em arquivo MP3).